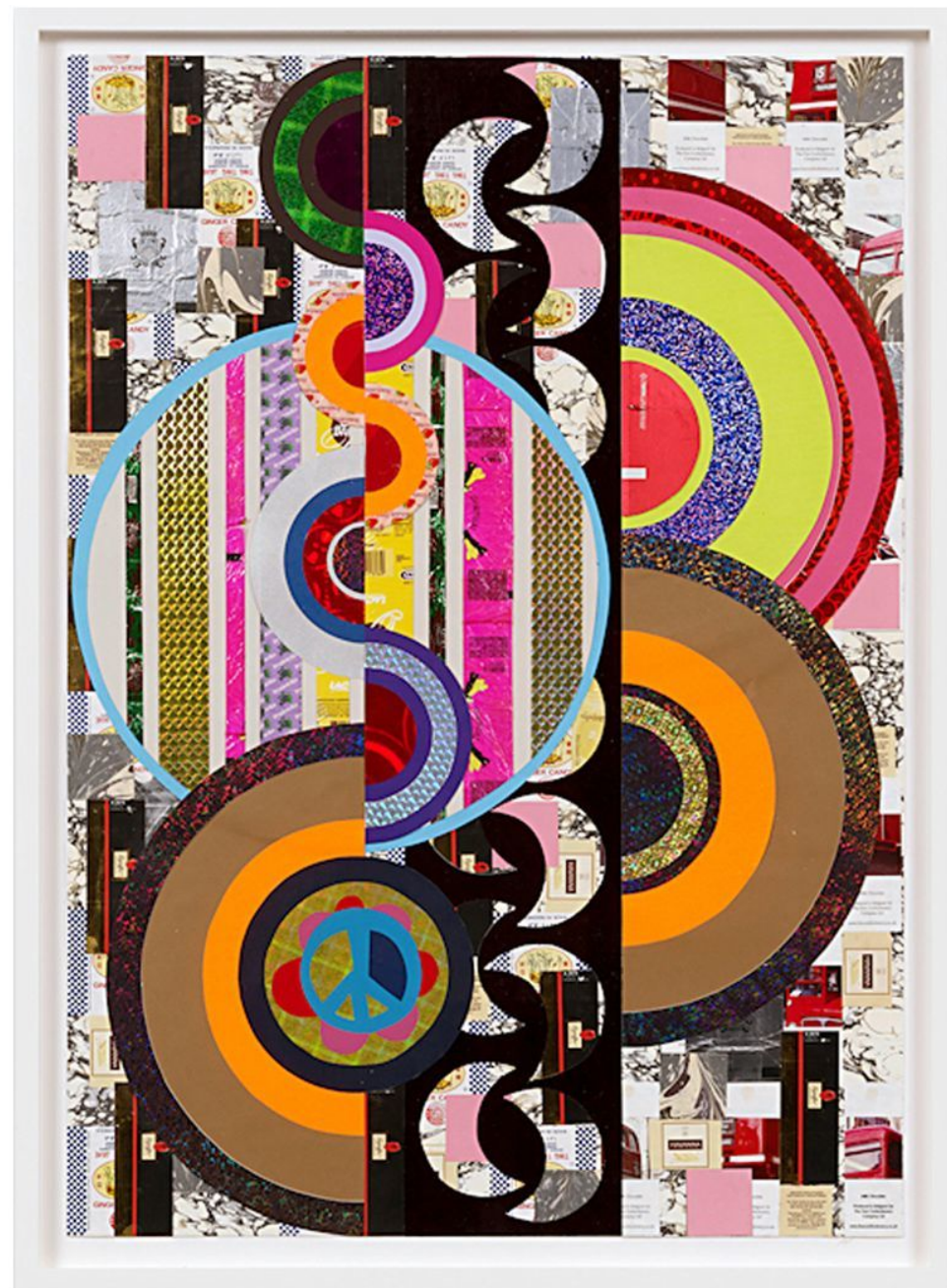


BEATRIZ MILHAZES

POR ZILDA MARIA BELTRÃO FRALETTI



Beatriz Milhazes está expondo no Rio de Janeiro, no Paço Imperial, prédio histórico localizado no centro da cidade. Meu Bem, a mais abrangente mostra panorâmica de sua produção, reúne mais de 60 obras entre pinturas, colagens e gravuras, além de um grande móbile concebido especialmente para o espaço. Com curadoria do crítico francês Frédéric Paul, a exposição apresenta alguns dos trabalhos mais marcantes da artista desde o final dos anos 1980, provenientes de diversas coleções públicas e particulares, do Brasil e do exterior.



Há onze anos ela não expõe em sua cidade natal; as últimas grandes exposições institucionais no Brasil aconteceram em 2002 (CCBB-RJ) e 2008 (Pinacoteca do Estado – SP). É uma oportunidade única de conhecer sua produção recente e rever obras históricas, que a tornaram um dos grandes destaques da arte contemporânea neste início do século XXI. Beatriz tem obras circulando pelo mundo todo através de impressões ou mesmo virtualmente, mas nada substitui a possibilidade de ver de perto os materiais utilizados, as diferentes texturas, brilhos, dimensões.



Ela se diz feliz por poder realizar esta mostra, pois o seu nome está cada vez mais conhecido, mas as pessoas no Brasil não veem as obras, ou as veem apenas através de reproduções, livros, internet, meios visuais impressos ou não, mas que não são a experiência de estar diante da obra e poder raciociná-la, experimentá-la. A obra de Beatriz nos pede o que a artista chama de “Raciocínio Visual”. Através do olhar os trabalhos nos propõem uma infinidade de relações – entre as cores e as formas, o rigor da geometria e a espontaneidade, a estrutura e a experimentação entre o que parece estar parado no plano e ao mesmo tempo parece se mover.



"Me perdoa... Te perdoo" (1989)
de Beatriz Milhazes, Coleção
MNBA (Museu Nacional de
Belas Artes, Rio de Janeiro,
RJ). Técnica mista sobre tela.

Ao longo dos últimos anos ela participou de diversas bienais, como as de Veneza e de São Paulo, e realizou 30 individuais em onze países, além de dezenas de coletivas. Beatriz Milhazes recuperou o status de artista plástica brasileira viva mais cara do mundo em novembro de 2012, quando sua tela "Meu Limão" (2000) foi arrematada em leilão da Sotheby's de NY por US\$ 2,098 milhões. Ela havia conquistado essa posição em 2008, após sua obra "O Mágico" ser vendida a US\$ 1,049 milhão, mas a artista plástica Adriana Varejão havia superado o recorde em 2011, com "Parede com Incisões à la Fontana 2", vendida por US\$ 1,7 milhão.



"Chiclete com Banana" (2011-2012) de Beatriz Milhazes, Coleção particular. Técnica: tinta acrílica sobre tela.



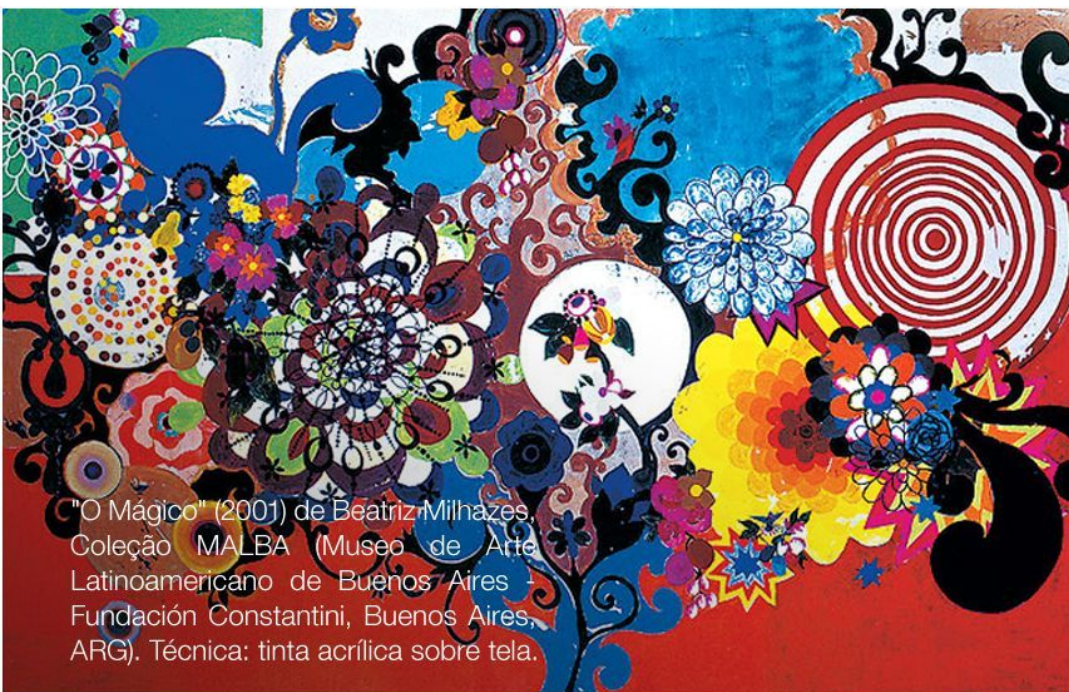
A exposição é organizada de forma cronológica e compreende 24 anos da trajetória da artista em um amplo panorama que tem início em 1989 com a tela "Me Perdoa, Te perdôo", e inclui obras atuais como "Lavanda", de 2012/13. Fica evidente a riqueza, diversidade e coerência do trabalho de Beatriz, que teve sua primeira exposição individual em 1985, quando se notabilizou como uma das figuras centrais da "Geração 80".



A mostra passa por obras dos anos 2000, em que ela explorou caminhos paralelos à pintura, como a colagem e a produção gráfica. Neste período Beatriz pareceu acentuar a busca pelo contraste entre tramas geométricas mais rigorosas e elementos figurativos de grande apelo visual como flores, mandalas, rendas, arabescos, pérolas, bordados e crochês. Sua obra apresenta uma intensa relação com a arte popular brasileira aplicada, como o artesanato e o bordado.

Em sua técnica explora um sistema análogo ao do decalque em que a tinta é aplicada sobre uma superfície plástica, criando finas películas de pintura que são posteriormente “coladas” e sobrepostas na tela. Nas colagens, sobrepõe muitas vezes camadas de cor utilizando-se de papéis de bala e sacolas de compras. Esse tipo de procedimento lhe permite um maior controle sobre o processo de composição, reduzindo a gestualidade. A cor é um elemento estrutural na sua obra. Seu repertório inclui questões relativas à abstração geométrica, ao carnaval e ao modernismo (principalmente Tarsila do Amaral), assim como ao concreto e ao neoconcreto brasileiros, à op e à pop art.

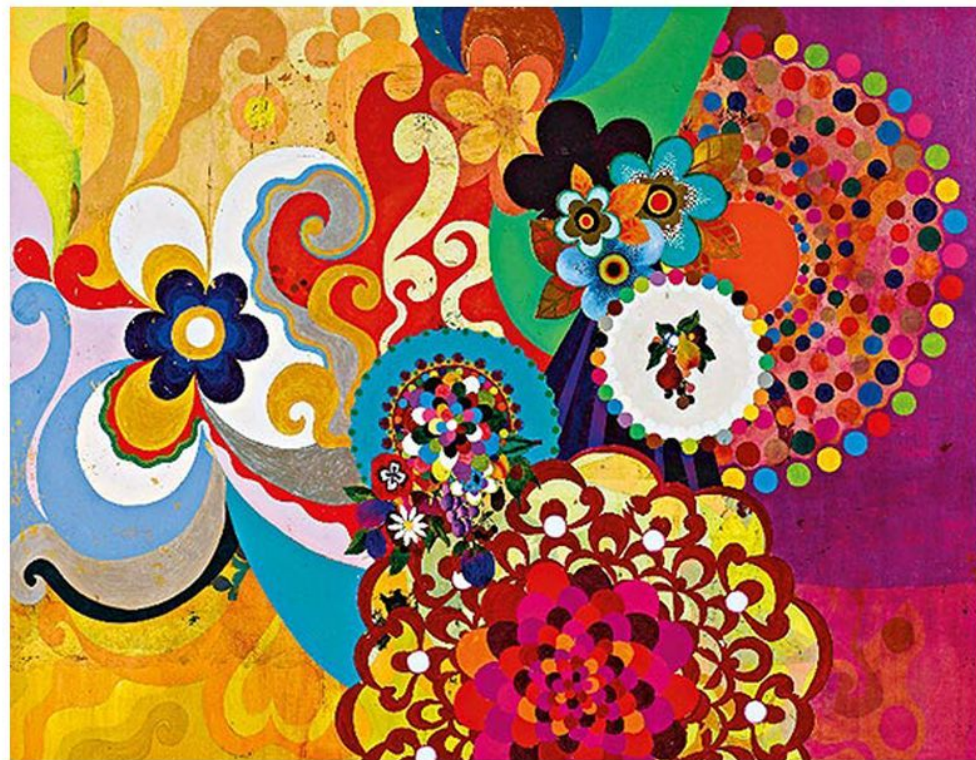
Trabalhos mais recentes, realizados após 2010, também fazem parte do panorama da mostra, como "Gamboa Seasons", série de quatro telas sobre as estações do ano realizadas para a Fundação Beyeler, em Basel (Suíça). Esta foi a primeira experiência da artista de trabalhar com um tema pré-estabelecido. Ao iniciar o projeto ela percebeu que, por morar no Rio, a vivência das quatro estações não faz parte do seu universo e o resultado é que Verão é a maior tela já pintada pela artista, enquanto as outras telas vão se tornando menores e menos coloridas, terminando em um Inverno de apenas 2 metros.



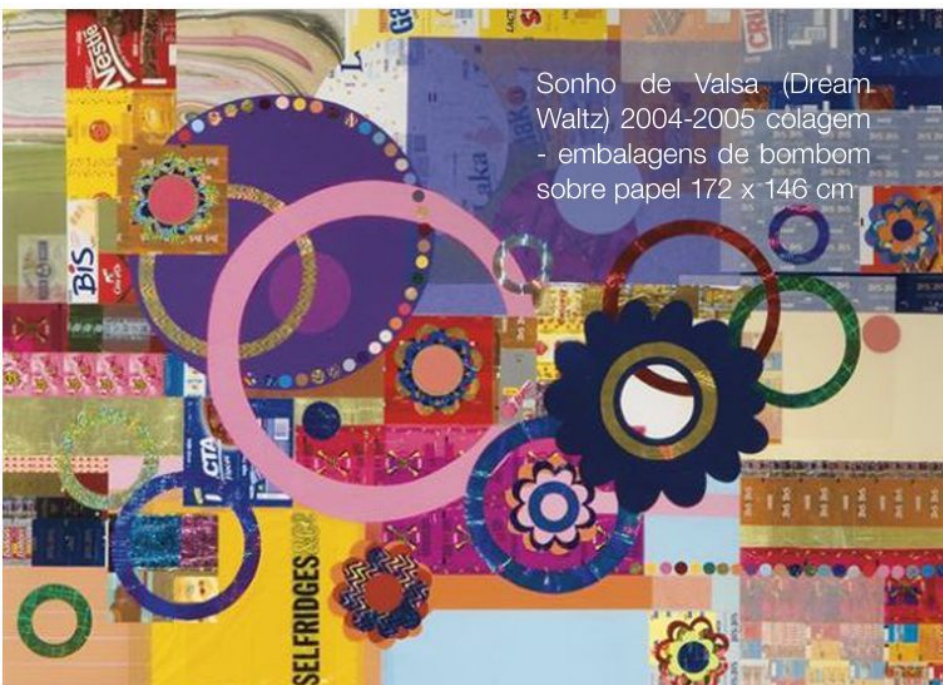
"O Mágico" (2001) de Beatriz Milhazes. Coleção MALBA (Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires - Fundación Constantini, Buenos Aires, ARG). Técnica: tinta acrílica sobre tela.

Para o Paço Imperial Beatriz concebeu um móbile de 9 metros de altura que cai da cúpula de uma das salas. São cinco estruturas circulares compostas por flores, miçangas, contas e outros elementos decorativos que parecem saídos de suas telas para ocupar e dinamizar o espaço. A artista explica que essas peças “estabelecem uma conversa com a pintura, têm essa conexão característica do meu trabalho com a arte popular”. O diálogo entre a forma e a cor é o mesmo das pinturas, apesar do material diferente. A obra se chama Gamboa 1 e é sua segunda obra tridimensional. A primeira, Gamboa, é oval e nasceu de uma peça construída para o cenário do espetáculo de dança Tempos de Verão, de sua irmã Marcia Milhazes. Está atualmente em Basel.

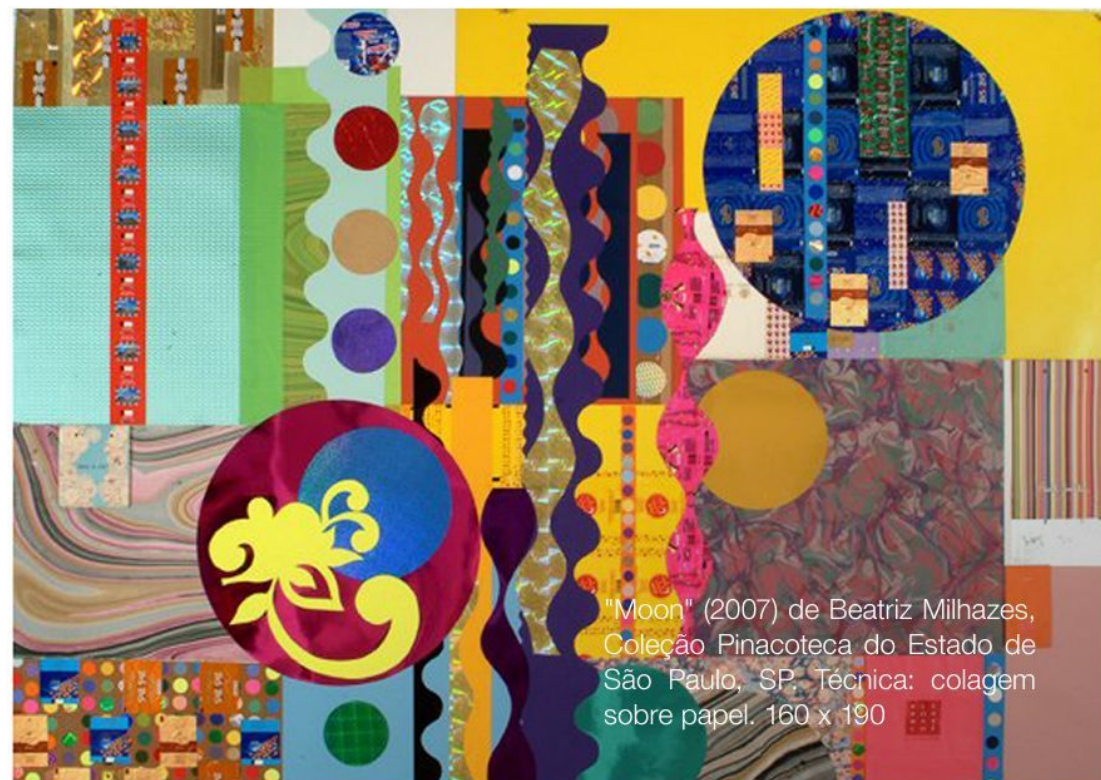
Gamboa é o nome de um bairro do Rio de Janeiro onde fica a Cidade do Samba. Beatriz se considera uma carnavalesca conceitual, o carnaval do Rio sempre foi uma influência no seu trabalho pela exuberância e liberdade de uso de cores que sempre a fascinou. Os títulos das obras são uma forma de reafirmação do seu pertencimento a um contexto cultural específico, mas não têm ligação com a obra que nomeiam.



“Vivemos em um mundo linguístico, no qual precisamos explicar as coisas através das palavras. Por isto meus títulos são completamente discordantes do que se vê. Você não vai encontrar o elemento do título na obra. O título é uma obra em si, que vem do mundo verbal, e a obra é visual, está aberta à leitura, tem que ser vista, entendida, raciocinada visualmente”, diz ela. Em seu atelier há sempre muitas obras em processo de criação. Beatriz tem preocupação com o recolhimento, preserva seu processo de criação e o mantém longe das câmeras. Tem poucos assistentes e um atelier relativamente pequeno. Ela teve que aprender a administrar e lidar com o sucesso.



Sonho de Valsa (Dream Waltz) 2004-2005 colagem - embalagens de bombom sobre papel 172 x 146 cm



"Moon" (2007) de Beatriz Milhazes, Coleção Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP. Técnica: colagem sobre papel. 160 x 190

Segundo ela, mudou a forma como as pessoas olham para ela, pois ela passou a valer dinheiro. “Não mudei, mas as coisas ao redor mudaram”. Para 2014, Beatriz Milhazes está envolvida em três projetos principais: uma mostra itinerante por museus norte-americanos, um catálogo de sua obra editado pela Taschen e um documentário sobre a carreira. "Meu Bem" fica no Paço Imperial até o dia 27 de outubro e depois segue para o Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, onde permanecerá de 21 de novembro a 23 de fevereiro de 2014.